

-----

Obasoyen, o chefe da cidade de Benin, apanhou da caneca de barro, sua predileta por muitos e muitos anos, e sorveu, como sempre com o prazer repetido, do chá que um dia Manakita lhe receitou. Olhou para o lado — ele estava na casa da mais jovem de suas mulheres —, e depositou a caneca sobre um aparador. Fixou bem o olhar em Adnaloy, e sem intenção de assim agir, fixou-se no corpo desnudo da mulher. Ela se havia posto na ponta dos pés para poder alcançar uma espécie de bule. Na posição em que Obasoyen se encontrava, podia ver com precisão de detalhes a mulher e seu perfil, de alto a baixo. Podia constatar seu corpo, para ele, sempre jovem. Agora, Adnaloy era gorducha, mas com o mesmo rosto arredondado, feição juvenil, descontraída, a fôrma que conheceu; roliço era seu corpo, mas rijo, sem carnes flácidas nem caídas, ideais, no gosto de Obasoyen, para tocá-las levemente, tão levemente que fazia milhões de pequenas bolinhas aparecerem, em arrepios de prazer indescritível. Os seios, fartos e empinados alinhavam-se, na perspectiva do olhar de Obasoyen, como dois outeiros enfileirados, com os mamilos a indicar o acme. O ventre não escondia a cintura de vespa que nunca tivera, era praticamente o mesmo de outrora. As nádegas — ah!, as nádegas que o enfeitiçaram tempos atrás, com seu gingar sensual, tanto na dança ritual das mulheres, quanto no simples ir e vir de um para outro canto da cidade, elas geraram o impulso que o fez levá-la para seu harém — alí estavam, qual dois montículos de argila, alisados pelas mãos de um exímio oleiro. Desceu o olhar, o velho prefeito, para admirar coxas bem torneadas, sem saliências e reentrâncias das celulites. As pernas, entre os joelhos e os pés, mostravam canelas curtas e descarnadas, com potentes músculos nas panturrilhas, destoando do aspecto arredondado de todo o corpo, e eram curtas; não fora esse detalhe, ela seria uma mulher alta. Obasoyen levantou os olhos para admirar a pele esticada do rosto, que via em apenas uma metade, a dar-lhe um aspecto saudável. Naquele momento, espontânea, olhada pelo marido de certa distância, mostrava-se Adnaloy na exuberância de uma mulher ficando madura. Como o pêssego no momento de ser comido, sem reclamações pelo mais exigente admirador dessa fruta. A cor da pele de Adnaloy diferia em muitos das demais mulheres: por algum acidente genético, ou de outra ordem, sua pele tinha o tom do pêssego. Quando Adnaloy nasceu houve rumores de um relacionamento inter-racial de sua mãe com um holandês. Nada ficou comprovado, e Adnaloy cresceu diferente das outras meninas, até mesmo no pentear, face à textura de seu cabelo, mas não virou jamais objeto de chacota, como sói acontecer nalgumas

nações africanas, ou de respeito religioso noutras, como ocorre com crianças que nascem albinos. O velho teve vontade de levantar-se e passar sua mão pelo corpo de Adnaloy, do rosto até às nádegas, alisando em especial a extensa cadeia de pequenas montanhas dos ossinhos da coluna vertebral — e sentir se, em verdade, aquele corpo mantinha, naquele instante, a suave maciez da pele de pêssego. Continuou a espreitar a mulher que se demorava na mesma posição, quando se deu conta: aos setenta e dois anos de idade, estava, na contemplação de Adnaloy, em plena ereção e, também, que ela era já uma mulher de quarenta e oito anos.